

## **Comunicação em tempos líquidos**

*Clóvis de Barros Filho*

Pretendo apresentar este tema em duas partes. Em uma primeira parte, abordarei o contra ponto sólido em relação ao qual a liquidez faria algum sentido, em um segundo momento, discutiremos os atributos da liquidez no mundo contemporâneo.

O contraponto sólido eu vou desenvolver a partir de três exemplos de solidez. A solidez no pensamento grego, no pensamento medieval e no pensamento moderno. E oferecerei, na segunda parte, os contrapontos líquidos do mundo contemporâneo.

Eu começo, então, pela mais importante e notável das nossas convicções sólidas, o mundo grego. O pensamento dominante grego previa como idéia inicial que o universo é cósmico e que a natureza ordenada e cósmica do universo é o primeiro traço de solidez indiscutível do nosso pensamento. No universo, tudo teria um lugar natural, e os corpos no universo teriam uma atividade que lhes é própria, a partir da qual sua natureza se manifestaria da maneira mais intensa possível. E finalmente, principal elemento, tudo no universo cósmico tem uma finalidade que lhes antecede. Tudo tem um *telos*, tudo tem um objetivo.

Assim, dentro dessa perspectiva, poderíamos cogitar que o vento venta, a maré mareia, o sapo sapeia, como só poderiam fazer. O vento faz o que só poderia fazer, movimentar o ar, e cumpre maravilhosamente a sua finalidade que é fertilizar, refrescar, polinizar. Não tem problemas existenciais, não tem angústias, não cogita em ventar para o outro lado.

Eu tenho um filho, que tem vinte e um anos, trabalha com marketing de luxo, ganha mais do que eu. O meu filho mora comigo em casa e às vezes eu olho pra ele e me pergunto: será que ele não vai querer fazer carreira solo? E pra minha surpresa, cada vez que meu filho olha pra mim e toca nesse assunto ele afirma exatamente o contrário, como ele é feliz em morar ali. Eu mesmo já pensei mais vezes em sair de casa do que ele.

O meu filho tem uma prerrogativa que o vento aparentemente não tem, a de deliberar sobre a vida. O meu filho, portanto, pode estar no lugar errado. Pode estar fazendo a coisa errada e perseguindo a finalidade que não é a dele.

Mas como eu faço pra saber qual é a minha finalidade? Bem, alguém como Aristóteles nunca disse sobre a sua finalidade. Mas ele te dá duas pistas. A primeira pista é: somos todos singulares, assim como nossas finalidades. Portanto, o primeiro erro a não cometer é imitar a vida do outro. Afinal de contas, mesmo que alguém tenha sido aplaudido, esse alguém perseguiu a finalidade dele, e não é imitando-o que você alcançará o mesmo êxito existencial. Porque a tua finalidade só pode decorrer de uma investigação racional tua.

A segunda dica: somos todos parecidos e, portanto, temos pontos de comunhão de finalidades que justificam a nossa humanidade comum. O que existe de comum nas nossas finalidades é a felicidade, aquilo que Aristóteles denominava *eudaimonia*.

Portanto, perceba, a felicidade aqui é o critério comum. Finalidade cada um busca a sua, mas o ponto de tangência é que, se estivermos no lugar certo, fazendo a coisa certa, seremos felizes. A tristeza é o sintoma da vida equivocada. Eudaimonia é vida que vale por ela mesma, instante de vida que esgota nele mesmo a sua razão de ser.

Imaginem a aula que vale por ela mesma, a aula que não está a serviço de nada, uma aula que alegre por ela mesma, e que faça esquecer vidas ainda não vividas, apenas deliradas. Mas nem sempre é assim.

Um fulano chegou pra mim e disse: Eu faço estágio e os caras lá querem me efetivar. É, mas para me efetivar eu preciso me formar, mas o Leandro já me reprovou três vezes. Eu xinguei ele, eu tava bêbado, fala lá com o cara “véio”. E daí ele disse à frase que pra mim é a mais reveladora da vida fracassada em Aristóteles que eu já pude imaginar. Ele disse: desova eu. O “desova eu” é inesquecível. Eu vou desovar você, mas é pra não te ver mais.

De *eudaimonia*, eu tenho um exemplo que é o da minha própria trajetória. Até os doze anos de idade eu me arrastava pelo mundo. Eu era um CDF ortodoxo, usava um óculos grande estilo Delfim Neto, bermuda, bota ortopédica e eu tirava dez mas não vibrava, não. O meu pai uma vez me botou em uma escola de arte. Com uma semana, a mulher chamou o meu pai e disse: Ele não é daqui.

Mas, felizmente, com doze anos de idade, o professor de geografia distribuiu temas de seminário e pra mim caiu petróleo. Como todo CDF, decorei o que o livro dizia sobre petróleo e, quando chegou a minha vez, eu subi no palquinho do colégio. Olhei pra classe pela primeira vez, eu vi um grupo de pessoas olhando pra mim, e eu olhei pras pessoas, e elas ficaram inquietas de eu não começar logo.

E eu, então, tomei a palavra e, com enorme entusiasmo, eu falei sobre o petróleo. Pela primeira vez eu senti o tal entusiasmo que etimologicamente quer dizer Deus vibrando em você. Pela primeira vez eu não me arrastei, eu efetivamente disponibilizei energia para existir e, em quinze minutos, eu disse tudo que eu sabia, mas tinha que durar cinquenta minutos o seminário. Aí eu recuei com medo e alguém falou: professor deixa ele continuar falando! E eu me vi ali, na situação mais importante da minha existência. Eu não queria sair dali, e eu não tinha mais nada pra dizer. Então eu decidi, vou inventar.

Quando eu decidi, lembrei-me do meu pai. Ele dizia assim: presta atenção: demore o tempo que for pra se decidir, mas depois que se decidir, encapsule-se e avance, pra trás nem pra pegar impulso.

Agora não tem mais volta velho, agora “é nós”. A hora que eu mandei o professor anotar o que eu tava inventando e ele não reagiu, não só os meus colegas começaram a anotar tudo que eu falava, como eu também concluí pra mim mesmo, esse aqui é o meu lugar.

A vida tinha sido eudaimônica, a vida tinha sido feliz e, por alguns segundos, eu encaixei a minha vida no todo universal. Porque quando você é triste e vive inadequadamente, você não só está vivendo mal como está atravancando o alambique universal, seu triste.

Os gregos deram lugar ao pensamento cristão e este nos dá a segunda grande solidez da história da humanidade. Um único Deus, uma única salvação, e assim, no lugar do cosmos, um Deus criador. Esse Deus que nos criou também nos deu uma missão. Viveremos bem se conhecermos a missão que Deus deu pra nós. Caso não conheçamos essa missão, viveremos mal e bateremos cabeça.

Temos duas solidez: uma ética do encaixe, viver bem é pertencer adequadamente ao todo universal, e a ética da missão, se soubermos a missão que Deus tem pra nós também viveremos bem.

Mas quando a modernidade chega, traz dois problemas: a revolução científica vai deixar claro que o universo não é organizado. Não há nada a encontrar lá porque ele é um todo caótico de forças e energias que se entre devoram sem sentido e sem direção. Naturalmente, o segundo problema é a reforma religiosa e, no lugar de eu pautar a minha vida pela palavra de Deus, passei a escolher a interpretação da palavra de Deus “à la carte” em função da minha vida.

Dentro desta perspectiva moderna, o homem passou a criar suas próprias

transcendências, os seus próprios paraísos. E assim, por exemplo, a Ilha de Utopia de Tomas Morus. Assim, por exemplo, a sociedade sem classe de Marx, e porque não dizer o paradigma da qualidade de vida sobre qual eu me estenderei um segundo.

A expressão qualidade de vida, repetida *ad nauseum*, *ad vomitum* por todos no mundo corporativo e fora dele deveria ensejar em algumas reflexões imediatas. Quando você diz pizza boa, pizza de qualidade, aula boa, aula de qualidade, por que não diz vida boa, vida de qualidade? É porque se você disser vida de qualidade, fica evidente que cada um pode buscar a sua. Mas na hora que você diz qualidade de vida, e todos compram a expressão, compram também o que está embutido nela: a idéia de um programa existencial garantidor de vida boa pra qualquer um. A qualidade de vida é uma simplificação ideológica totalitária.

Esse papo de qualidade de vida me faz lembrar uma história. Eu tenho uma oftalmologista. Ela perguntou se podia assistir minhas aulas e, depois de muitas aulas, fomos tomar um café e ela disse: nossa, esse trabalho que você faz é maravilhoso. Mas você precisava de mais qualidade de vida. Foi aí que eu vi que ela não entendeu nada que eu expliquei. Ela falou: olha, o carnaval tá chegando, eu pego você na sexta e devolvo você na quarta. Ela com o marido e eu com minha esposa.

Após todo tipo de coação e entristecimento na Serra do Cipó, causado por esse sistema totalitário, emputeci-me e falei para o guia, uma espécie de Mussolini da qualidade de vida: meu amigo, você concordaria comigo que tanto eu quanto você buscamos na existência momentos alegres? Sabe o que é alegria? É um afeto. É a passagem de um corpo para outro corpo.

Viver é relacionar-se com o mundo. Isto significa que estamos sempre passando de um corpo para outro corpo. De uma certa forma, o nosso corpo se modifica segundo a segundo.

E a isso Espinosa denominava afeto. Então, o modo que o mundo muda o nosso corpo, muda a quantidade de energia que disponibilizamos pra viver, quando o mundo encontra nosso corpo e harmoniza bem, ele alavanca a nossa potencia de agir, alegre. O contrário é para a tristeza.

Depois, disse: você concorda que o teu corpo é diferente do meu? Então o mundo que te alegra é diferente do meu. Nem melhor nem pior, diferente. O mundo que te alegra é o riacho, é a cachoeira, é a muriçoca, etc. O mundo que me alegra é a avenida paulista, às 18 horas de sexta-feira, véspera de feriado,

carros parados. Nem melhor, nem pior, diferente.

Só que você é nazista e quer fazer da sua vida a vida padrão. Lamento, mas existe em mim uma singularidade que não se confunde com a tua.

Isto nos permite, a partir de agora, entender o primeiro contraponto da solidez, a liquidez caótica e vitalista dos pós-modernos.

Aqui, o grande nome é Nietzsche, inspirador dos pensadores pós-modernos, que nos ensina duas coisas fundamentais. A primeira, é que não pode haver gabarito para todos. A segunda, é que não tem gabarito para você definitivamente. Portanto, se você tinha a expectativa de fazer da alegria já experienciada um gabarito existencial, tire o seu cavalinho da chuva. Porque é completamente inadequado querer perenizar uma alegria já sentida. É preciso ter o mesmo corpo e encontrar o mesmo mundo. Nenhum dos dois é possível. Mas a boa notícia é que todos os afetos daqui pra frente são inéditos e virginais.

A resposta que Nietzsche nos oferece é que a vida boa é a vida intensa. O que caracteriza a vida intensa é justamente não se deixar encapsular em nenhum tipo de gabarito ou fórmula. A vida intensa é tão fascinante que você não tem espaço sequer para constatar “nossa, como estou vivendo bem”. Você não pensa em outras existências.

Portanto, Nietzsche conclui, só pensa sobre a vida quem é triste, a filosofia é a mais bem acabada forma de tristeza, porque quem é feliz vive, não quem cogita sobre a vida. Perceba a diferença entre encontrar o seu lugar num todo ordenado e viver um momento de intensidade, que é irrepetível no caos das existências dos corpos no universo.

Na contraposição à solidez monoteísta, uma liquidez politeísta. Não em função da pluralidade de deuses, mas em função da pluralidade de critérios existenciais. O mundo contemporâneo é rico em valores existenciais, permitindo, como diz Gilles Lipovetsky, uma vida *a la carte*: na segunda, yoga, na terça, candomblé, na quarta, estuda filosofia, e assim por diante.

Na ética pós-moderna, definimos nós mesmos o certo e o errado nos limites das relações das quais participamos. E definimos agindo, porque quando agimos, oferecemos um mapa de critérios existenciais que permitem a quem nos observa definir uma expectativa sobre nós.

Mas a ética pós-moderna tem problemas. Afinal, isso funcionaria maravilhosamente bem se fôssemos estáticos. Mas o mundo não pára de nos transformar e, portanto, jamais podemos esperar que o outro permaneça. Mas

podemos esperar que o outro nos conte o quanto ele mudou para que possamos decidir se continuamos a relação ou não.

Dentro desta perspectiva, tecerei algumas reflexões sobre outro elemento característico da sociedade pós-moderna, que são os novos meios de comunicação.

A ciência moderna estabelece uma ruptura brutal entre sujeito e objeto. Surge aquilo que chamamos de objetividade científica. Nas ciências humanas, o mesmo rigor de conclusão das demais ciências surge também no discurso sobre os meios de comunicação, e o discurso jornalístico passa a ser o discurso da objetividade informativa.

Vejam os slogans de como a notícia é vendida: aconteceu, virou manchete, o que pinta de novo, pinta na tela da Globo, e assim por diante. O conceito por trás disso é o de que o relato é a realidade. Eis aqui a primeira constatação que uma pós-modernidade não pode aceitar. Porque todos sabemos que tem muito mais acontecendo no mundo do que aquilo que vira notícia. A mídia, portanto, seleciona fatos através de uma pauta e, para isto, ela precisa atribuir um valor aos fatos.

Da mesma maneira que a mídia não mostra tudo, ela também não pode mostrar tudo imparcialmente, porque a imparcialidade pressuporia ver a mesma ocorrência de todos os lados possíveis. E é evidente que nós somos parte do universo e, portanto, podemos ser tudo, menos imparciais. Sempre olhamos para o mundo sob uma perspectiva.

E diante desta pluralidade, o mundo se multiplicará ao infinito, perdendo de vez todo o sonho delirante de uma unidade.

Mas e a escola? A escola raramente faz o papel de vida eudaimônica. Pelo contrário, o discurso é o da preparação. O discurso da escola é o discurso da esperança, criança esperança. Mas a esperança é um afeto triste.

A esperança é um desejo na impotência. Porque se pudéssemos fazer aquilo que esperamos, não esperaríamos, faríamos. A esperança é o amor pelo futuro, isso é, pelo que não é. E a escola raramente faz o papel de amar o que é.

A escola raramente dá aos nossos afetos a importância dignificante que eles têm. Concentra seus esforços para ensinar fórmulas, mas muito pouco fala sobre a vida vivida de carne e osso num instante real. Finalmente, a escola oferece uma preparação pífia para o mundo contemporâneo e seus meios de comunicação.

O nosso jovem vive num mundo de laços sociais tecidos sobre suportes que em grande medida ignoramos. Há sempre novas formas de comunicação social, de definição de si, de exercício da ética e da cidadania, que estão sendo tecidas coletivamente em canais cuja existência e natureza, em grande medida, ignoramos. Seria absurdo cogitar que a natureza dessas relações sejam as mesmas que antes, apenas adaptadas a esses novos suportes.

Não, como diria McLuhan, o meio é a mensagem. Como já devem ter percebido, nossos alunos se manifestam mesmo diferentemente porque suas manifestações são talhadas por novos meios. As condições materiais mudaram radicalmente e em muito pouco tempo e a escola continua ensinando para um mundo que não existe mais.

A postura da escola frente ao novo mundo tem que ser sempre nova, sob pena de se converter numa instituição reconhecida como obsoleta por todos. Sob pena de ser apenas um ônus, um pedágio a suportar, em nome de uma existência social autorizada. Cabe a todos nós que vivemos na escola e da escola, repensá-la, reaproximá-la do mundo, ou não teremos mais exemplos para dar, não teremos mais nenhum artifício didático para explicar os conceitos abstratos que temos que fazer entender.

Essa missão é oceânica. Mas, eu tenho certeza que oportunidades como essa que eu estou tendo são um grão de areia insuficiente, mas necessário para nosso coletivo esforço para entender melhor que, muito do que chamamos de distúrbios escolares, não passam de sintomas do nosso anacronismo e obsolescência.

Cabe à escola propor, e eu sei que isso é incompatível, a formação de transformadores, a formação de criativos, a formação de revolucionários, que lutarão por novas existências, novas sociedades e novas missões. Cabe, portanto, à escola ensinar o amor pelo mundo que é e pelo que não é ainda. Talvez isso não seja nada fácil, talvez esse seja o nosso maior papel.